

ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

HISTÓRIA LITERÁRIA DO PORTO

através das suas publicações periódicas

Prefácio de
Fernando Guimarães

Edições Afrontamento



Título

História Literária do Porto através das suas publicações periódicas

Autor

Alfredo Ribeiro dos Santos

Edição

Edições Afrontamento, Lda. / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Capa

Departamento gráfico / Edições Afrontamento

Colecção

Diversos, 26

N.º de edição

1239

ISBN

978-972-36-1038-3

Depósito legal:

300769/09

Impressão e acabamento

Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Outubro de 2009

Índice Geral

Do autor	5
Prefácio: Para a literatura, um rosto...	9
Agradecimentos	13
Apresentação e Propósitos	15
Introdução à Vida Literária Portuense	19
A <i>Gazeta Literária</i> de 1761	23
As Primícias do Romantismo de Alexandre Herculano no <i>Repositório Literário</i>	33
O Ultra-Romantismo	41
O Realismo Portuense	73
Origem Portuense do Pensamento Filosófico. A Revista <i>O Positivismo</i>	99
Dos Poetas Parnasianos à <i>Revista de Portugal</i> , de Eça de Queirós	109
O Porto nos Movimentos Literários do Fim do Século	121
Revistas na Transição e Primeiros Anos do Século XX	143
A Renascença Portuguesa	157
Publicações de História e Arte do Povo Português	259
A Vida Cultural do Porto durante a Ditadura e o Estado Novo	303
Movimento Vanguardista	399
Publicações em Liberdade de Expressão	403
Da Tradição Cultural Portuense	463
Outros Autores Portuenses	481
Bibliografia	505
Índice Onomástico	507
Índice das Publicações Periódicas do Porto	517

Destaque para os seus artigos: o primeiro, «Caracteriologia Literária e Artística» que, num número da revista dedicado a Antero de Quental, salienta a importância documental das análises caracteriológicas dos escritores na História Literária; e o segundo, «O dueto caracteriológico e pseudo filosófico de Coimbra e Pascoaes». Neste artigo, em nome do cientismo, a partir da teoria de Kretschmer, é classificado Teixeira de Pascoaes como «esquizotímico medíocre», em contraste com a esquizotimia superior «de um Quental e de um Eça».

Abel Salazar faria incidir a crítica mais ampla e demolidora sobre Leonardo Coimbra, afastando-se do espírito científico, como quando considera o pensamento de «um Heidegger em cuecas».

O divulgador do Positivismo Lógico da Escola de Viena e fanático da Caracteriologia, menos de um ano após a morte de Leonardo, entrava numa lamentável polémica.

Abel Salazar surgiu na revista com um grupo de novos colaboradores, como Luís de Sanjusto (pseudónimo do médico portuense **Jorge Santos**¹⁰⁶), Vinha dos Santos, André Valmar, Lobão Vital e sua mulher Virgínia Moura.

Eles são os promotores de um denominado movimento de Arte Positiva, num anexo à revista *Pensamento* a que dão o nome de «Trapézio». O suplemento ocupa algumas páginas demarcadas, mas sem alteração de paginação. A iniciativa é, porém, efémera, ocupando somente os números 73 e 74.

Alguns meses mais tarde, alguns destes iniciaram a publicação da revista *Sol Nascente*, que, numa segunda fase, viria a ser representativa do Realismo Socialista.

As duas publicações periódicas ficariam, assim, ligadas no Socialismo.

A revista *Pensamento*, precursora desse novo movimento, que ficou conhecido por Neo-Realismo, insere colaboração de carácter doutrinário como a de António Ramos de Almeida, e literário de intenção social, como a poesia de Manuel da Fonseca «O Vagabundo do Mar» (147) e o texto de Jorge Amado «Os Homens dos Saveiros».

Principais colaboradores, além dos já citados: Adelaide Cabette, Almerindo Lessa, Álvaro Vieira de Lemos, **Armando Bacelar**¹⁰⁷, Armando Martins, Belo Redondo e **Camilo de Oliveira**¹⁰⁸, Carlos Babo, Bernardo de Passos, Cecília Meireles, César Porto, Delfim Guimarães, Eugénio Vieira, Filipe Gonçalves Bento, Francisco Costa, Joel Serrão, Julieta Ferrão, Luís Cardim, Luís Reis Santos, Maria O'Neil, Mário Portocarrero Casimiro, Mário Sacramento.

No domínio das artes plásticas, contou com a colaboração de Dominguez Alvarez, Dordio Gomes e de Joaquim Lopes. Depois de algumas localizações, a redacção e administração esteve situada na Rua de Camões, 578-2.º, prédio da Casa do Povo Portuense, onde estava instalada a tipografia.

Em 1940, foi publicado o *Almanaque Pensamento* com calendário laico.

A GERAÇÃO DO SOL NASCENTE

A geração dos portuenses nascidos no fim da Primeira República manifesta um grande interesse pela política e pelas questões sociais.

Pesou sobre os habitantes do Porto, durante muito tempo, a recordação do bombardeamento da cidade, ordenado pelo governo da Ditadura Militar, na frustrada revolução de 3 de Fevereiro de 1927.

Nesse espírito, surge no Porto a Greve Académica de 1931, coincidindo, certamente por simpatia, com a Revolta da Madeira. Num ambiente de agitação, para que contribuía, ainda, a proclamação da Segunda República em Espanha, o acontecimento ficou marcado por uma das maiores manifestações do povo da cidade, em protesto contra a morte do estudante João Martins Branco, conseqüente a uma carga policial.

A notícia vinda de Lisboa de uma terceira derrota nas revoluções contra a Ditadura,

desta vez a revolta do 26 de Agosto desse mesmo ano, contribuiu para a desilusão da acção do republicanismo reviralhista.

A intelectualidade portuense não sofreu, significativamente, a influência do Modernismo lisboeta com a sua tendência elitista, nem da *Presença* coimbrã, em que a importância do individual se sobrepunha ao social.

Esta geração é influenciada por alguns novos romancistas brasileiros que, da maneira mais atractiva, procuram criar a consciência de que uma condição social degradante não é uma fatalidade, mas, sim, uma injustiça. Os jovens liam, com grande entusiasmo, *O País do Carnaval*, a estreia literária de Jorge Amado em 1931, *Cacau*, publicado dois anos depois, ou *Meninos de Engenho*, de José Lins de Rego, saído em 1932, entre outros.

Entregando a «ditadura das finanças», os militares lançam o salazarismo. Na ascensão ao poder, o ditador entra no domínio constitucional e promulga o *Acto Colonial*, documento de natureza nacionalista em que é instituído o Império Colonial Português.

Apoiado num partido único, unificada e organizada a polícia política e estruturada uma censura rígida, é fundado o Estado Novo pela Constituição de 1933.

1933: Hitler chanceler do Reich.

Os jovens cinéfilos irão assistir, nas sessões do Cine-Teatro S. João, no Porto, aos jornais de actualidades, produzidos na Alemanha pela U.F.A. Pelas imagens da expansão do nazi-fascismo, eles prevêem os trágicos acontecimento que irão ensombrar o seu futuro.

Uma camada consciente da nova geração manifesta um activo repúdio pela assustadora onda reaccionária.

A opressão leva alguns a uma ânsia de liberdade total, revivendo ainda as ideologias anarquistas com uma tradição portuense (iniciada com a publicação do jornal *A Vida*, em 1905, e seguida da Federação Anarquista do Norte [1932]). Outros encontram motivos de atracção numa nova ideologia, difundida pela Federação da Juventude Comunista no jornal *O Jovem* (1935). A organização Socorro Vermelho (anos 30 e 40), de origem anarquista, mas orientada por Moscovo, é um elemento de ligação entre as duas opções de luta, fundamentalmente antagónicas. Um espírito eclético consegue, durante vários anos, manter uma necessária unidade de oposição ao regime.

Esta identidade, porém, é alcançada à custa da colaboração dum vasto sector da resistência antitotalitária, de formação republicana e democrática.

Os jovens lançam-se numa acção de propaganda dos seus ideais político-sociais.

Um pequeno grupo revela-se precursor deste movimento, publicando uma revista académica em que pretende «integrar-se, audaciosamente, na múltipla complexidade do Real».

Outro Ritmo

Com o subtítulo «Revista do Pensamento Jovem Letras-Arte-Crítica», esta publicação mensal anunciava também «Divulgação Científica, Filosofia, Sociologia, Crónicas, Desporto e Cinema».

Foi dirigida por Artur Vieira de Andrade¹⁰⁹ e Maximiano Pombo Cirne e teve como secretário Fernando Sampaio e Castro e Carlos Espain¹¹⁰ Neves. Foi editada por António Lobão Vital.

O editorial termina deste modo: «Que os jovens desta hora se ergam a construir uma nova arquitectura de almas sobre a Terra».

«*Outro Ritmo* possui também uma filosofia: a da jovialidade. Destas páginas faremos a Ágora da moderna juventude, que serão como amanhecidas claridades a iluminar o ciclópico Himalaia que vamos galgar.»

Publicou-se o primeiro e único número em 1933.

Principais colaboradores e textos:



Abel Salazar – «Marañón e os ursos»; José Marinho – «Aforismos sobre umas coisas e outras»; Almerindo Lessa – «A Educação Sexual dos Rapazes»; Artur Andrade – «Educação e Progresso»; Lobão Vital – «Mulheres de Agora»; Fernando Sampaio e Castro – «Moral Internacional»; Camilo Vasconcelos – «Cinema».

Na colaboração artística, capa de Bernardino Fabião, aluno de Belas-Artes; um desenho de Zeferino de Couto e a reprodução de um desenho de António Carneiro («A Guerra»).

Dos académicos fundadores da revista e dos seus colaboradores, somente António de Oliveira e Maximiano Pombo Cirne eram, respectivamente, professor e aluno do Liceu de Alexandre Herculano, no Porto. Os outros pertenciam ao Liceu de Rodrigues de Freitas, na mesma cidade, sendo José Marinho professor, e alunos os restantes.

A revista *Outro Ritmo* surge em 1933, ano em que, como dissemos, Hitler toma o poder, e Salazar funda o Estado Novo, ideologias que os jovens repudiam. Quatro anos mais tarde, desta geração saem os fundadores da revista *Sol Nascente*.

É uma revista académica muito rara, que não existe na Biblioteca Municipal do Porto nem na Biblioteca Nacional.

A redacção e administração estavam instaladas na Rua de Camões, 834, no Porto, e a revista era impressa na «Tipografia Sequeira», Rua José Falcão, 122.

Esta juventude progressista unia a sua acção em volta de um mentor: Abel Salazar.

Abel Salazar¹¹¹ estudou e viveu no Porto. Pertenceu à notável geração da *Nova Silva*, que proclamou a liberdade, seguindo a orientação anarquista e anticlerical dominante na época, e participando na greve académica de 1907.

Foi criador dos estudos de Histologia na Faculdade de Medicina do Porto, de que foi professor com uma didáctica inovadora, e cientista de renome internacional. Exerceu uma larga acção como ensaísta e como divulgador da Ciência e de uma filosofia neopositivista.

Desde a sua participação no Salão dos Humoristas no Porto, em 1915, no início do Modernismo, o cientista revelou-se um artista plástico original, com uma obra, em várias áreas e técnicas, de grande valor, e independente de correntes estéticas, como o Neo-Realismo.

Sol Nascente

A revista *Sol Nascente* surgiu como projecto de três amigos, antigos alunos do Liceu Rodrigues de Freitas, no Porto: Carlos Espain, **Carlos Barroso**¹¹² e **Manuel de Azevedo**¹¹³. Como a lei exigia um responsável pela publicação que fosse maior de vinte e um anos, logo recorreram a um condiscípulo mais velho, que passou a ser, até ao último número, o editor e proprietário – Dilermando Marinho.

Depois do encerramento da Faculdade de Letras do Porto, em 1931, Leonardo Coimbra foi professor do Liceu Rodrigues de Freitas, onde exerceu grande influência em alunos e nos professores. Estes eram pedagogicamente notáveis, e alguns se distinguiram, também, pela coragem de se oporem ao recém-criado Estado Novo, como Marques Teixeira, Adolfo Casais Monteiro, Oliveira e Sá, Carlos Barroso e João Carrington. Neste ambiente, formou-se então um grupo de alunos conscientes e activos na resistência à penetração do salazarismo no meio académico, evidenciada na enérgica expulsão de alguns elementos da organização parafascista, «Acção Escolar Vanguarda», que, com intuito de provocação, pretendiam entrar no liceu.

Dos alunos que Leonardo despertou para a cultura, alguns evoluíram num sentido oposto à tendência mística do filósofo e afastaram-se mesmo dele, por uma precipitada e falsa interpretação da actuação do pensador no último ano da sua vida, que tomaram como adesão ao Estado Novo, o que a conversão religiosa, segundo eles, contribuiria para confirmar, e a morte desastrosa deixou por esclarecer. Inclinarão-se para a influência de outro mentor de formação ideológica oposta – o pensador Abel Salazar.



CARLOS ESPAIN



MANUEL DE AZEVEDO
desenho de Júlio Pomar

O sábio e irreverente Mestre de Histologia tinha já aglutinado à sua volta um grupo interessado, de que faziam parte **Almerindo Lessa**¹¹⁴ e Adelaide Estrada (seus assistentes na Faculdade), Jorge Santos, Carlos Sousa (estudante de Medicina), e José de Castro (que usava o pseudónimo de «André Valmar»), Afonso de Castro Senda, João Alberto e Lobão Vital, este último antigo aluno do Liceu de Rodrigues de Freitas.

Como vimos, Abel Salazar e este seu grupo colaboraram, em 1936, na revista *Pensamento*, durante alguns números do 7.º ano da publicação.

Ao núcleo inicial dos quatro antigos alunos do Liceu Rodrigues de Freitas, enriquecido com um valioso elemento que veio ocupar posição primacial na revista, José Soares Lopes, juntou-se o grupo de Abel Salazar, sem o seu assistente Almerindo Lessa.

José Soares Lopes era um empregado comercial, autodidacta de mérito indiscutível, e o colaborador mais activo dos elementos da direcção, para a qual também entrou com Lobão Vital e Afonso de Castro Senda, sendo este último o secretário da redacção.

O *Sol Nascente* principiou a publicar-se no Porto em 30 de Janeiro de 1937.

Dos fundadores, o nome de Carlos Espain não surge na publicação, porque está, então, nas malhas da polícia política. E nem sequer, quando dela se liberta, vem mencionado no grupo redactorial, publicado no número 5 da revista. O estudante de Matemática é um dos raros que se manterá fiel à admiração pelo Mestre de Filosofia, Leonardo Coimbra. Continua, porém, a colaborar no corpo redactorial.

O editorial da revista foi escrito por Soares Lopes e define a orientação «em serena visão crítica». Busca-se «elevantar o nível cultural português». E cita-se Eça, ao determinar a finalidade da cultura como a compreensão da humanidade. Merece atenção este respeito pelo pensamento de Eça de Queirós, bem como a valorização da serenidade, do autodomínio e do espírito de tolerância e de mútuo respeito (princípio básico da democracia) que o *Sol Nascente* se propõe adoptar. Esta afirmação de serenidade e de concórdia deve ser interpretada como um apelo à união das correntes de oposição ao regime, expressas na revista.

Se a tendência, por juvenil, seria para posições extremistas, havia alguns, raros, colaboradores oriundos da primeira República. Os independentes estavam representados por Dilermando Marinho, na direcção, e por João Alberto e Paulo Pombo, no grupo editor. Soares Lopes e Carlos Espain tinham uma nítida formação anarquista. Contudo, a maioria dos elementos, neste período inicial, ocupava uma posição marxista determinada. Já o título da revista era bem significativo e a censura estava atenta.

No número 5 da revista *Sol Nascente*, houve uma mudança nos corpos directivo e redactorial, que marcou um segundo período da publicação, o mais fecundo e característico.

Desapareceram, do cabeçalho, o nome de Lobão Vital e o de Virgínia Moura, da lista de redactores. Este casal ficou célebre na oposição portuguesa. Durante muitos anos, constituiu uma bandeira corajosamente agitada em todas as manifestações.

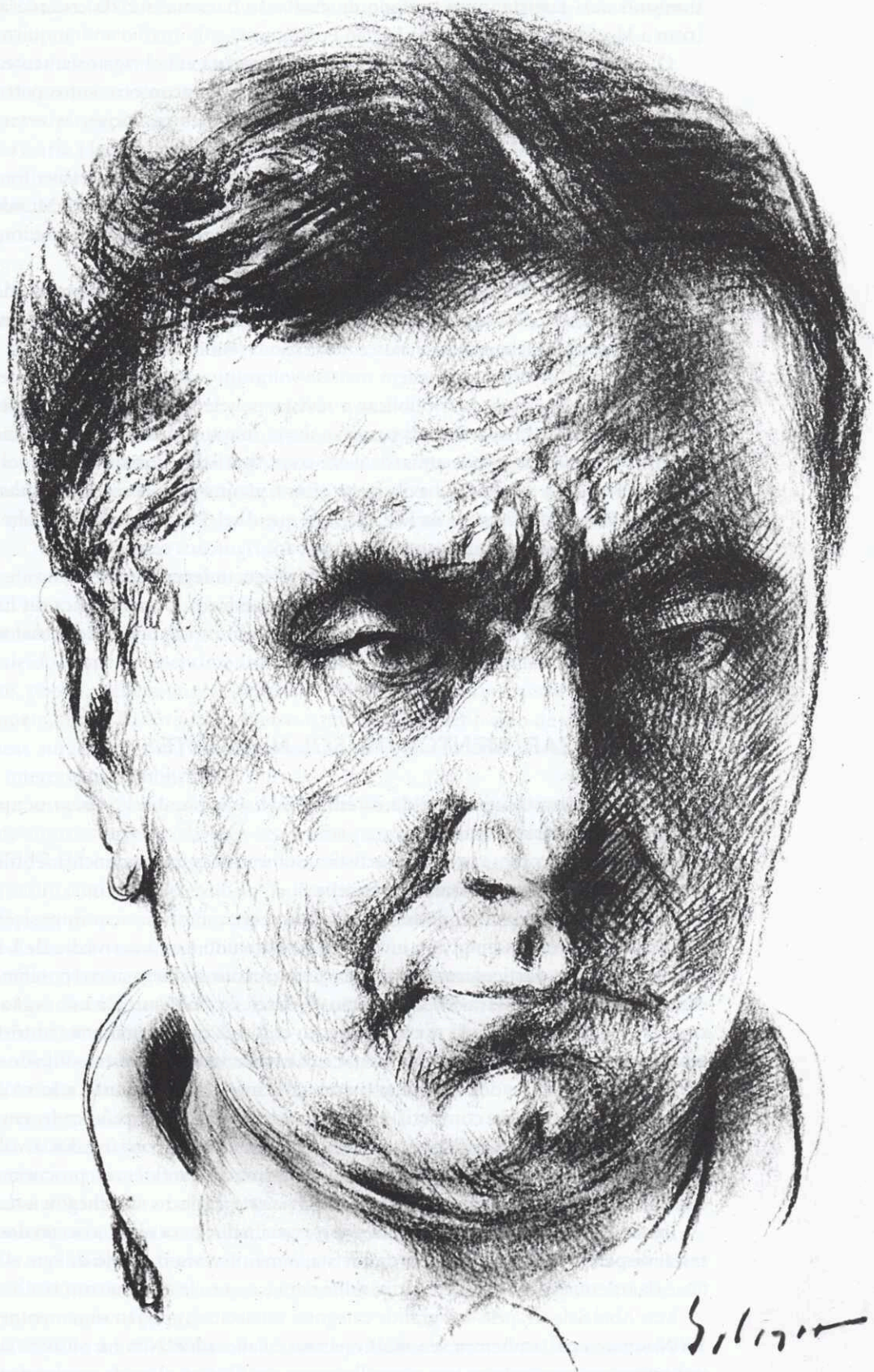
Orlando Braga, estudante de Farmácia, também marxista, saiu do elenco da redacção. Em contrapartida, entrou um elemento que, mais tarde, teria relevo na orientação da revista: o ficcionista Afonso Ribeiro.

Mas o naipe anarquista ficaria em maioria, reforçado no sector redactorial com António Cândido Barbosa, Luís Laranjeira e Rafael Silva. Sendo este último tipógrafo do *Janeiro*, o *Sol Nascente*, que nos quatro primeiros números era impresso na «Tipografia Civilização», passou a ser impresso nas oficinas de *O Primeiro de Janeiro*.

A ÉPOCA EM QUE SE PUBLICOU O SOL NASCENTE

Este «Quinzenário de Ciência, Arte e Crítica» publicou-se numa época dramática da História, isto é, alguns meses depois do início da Guerra Civil de Espanha, em pleno expan-





ABEL SALAZAR
Auto-Retrato

sionismo nazi-fascista, num período de exaltação nacionalista, de cruzada anticomunista (com a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa) e de auxílio ao franquismo.

O carácter estritamente cultural e literário da revista era obrigatoriamente feito cumprir pela censura, sempre atenta e pronta a cortar. Assim, os acontecimentos perturbantemente ameaçadores da expansão do Nazismo passaram sem comentários, às vezes só com uma velada referência.

Por outro lado, os regimes democráticos iam caindo em progressiva fraqueza, que os levaria à humilhação de Munique e, inevitavelmente, à Segunda Guerra Mundial.

A actividade cultural portuguesa tinha, nesta época, um carácter predominantemente antifascista.

Quando saiu o *Sol Nascente*, a *Seara Nova* ocupava lugar de destaque desde 1922, representando o sector da Esquerda Democrática. Tanto o *Pensamento*, a que já nos referimos, de origem socialista, como o *Sol Nascente*, se fundaram no Porto.

O *Diabo* era o jornal para quem mais se voltavam as simpatias dos rapazes do *Sol Nascente*. Quando se começou a publicar a revista, aquele jornal era dirigido pela prestigiosa figura de Rodrigues Lapa. Depois passou a dirigi-lo o turbulento Joaquim Madureira (**Braz Burity**¹¹⁵), mas, pela grande amizade deste com Abel Salazar, manteve-se a solidariedade.

Dispersos pela província, havia, nesta altura, alguns jornais como *O Trabalho*, de Viseu; *A Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, etc., em que Abel Salazar também colaborava profusamente e que iam escapando, um pouco mais, aos rigorosos censores.

Em Coimbra, publicava-se a famosíssima revista independente *Presença*.

Em contrapartida, o jornalista António Ferro, esforçado na «Política do Espírito» e dispondo de todos os recursos, não conseguiu nenhum suporte intelectual sólido para o Estado Novo.

ABEL SALAZAR, MENTOR DO SOL NASCENTE

Afastado compulsivamente da cátedra de Histologia, Abel Salazar ocupava o tempo numa extraordinária actividade.

Além de uma copiosa produção artística, sob variadas formas, enchia febrilmente muitas páginas de numerosas publicações periódicas.

O *Sol Nascente* torna-se, deste modo, a sua revista. Embora sem imposição, orientava a publicação através do seu grupo juvenil, mas sobretudo, por intermédio de J. Soares Lopes, a quem estimava particularmente e com quem mantinha larga correspondência de íntima camaradagem. Confessava-lhe a intenção de fazer do *Sol Nascente* um órgão de combate, com gente nova empenhada numa revolução cultural, que o momento histórico impunha, advertindo, porém, que se deveria «evitar um revolucionarismo estereotipado».

Abel Salazar pretendeu estimular o ambiente intelectual do Porto, não só com a revista, cuja influência deveria competir com a do jornal *O Diabo*, publicado em Lisboa, mas também criando uma biblioteca para os jovens estudiosos, congregados à volta da revista, que servisse de ponto de encontro, centro de discussão e influência, procurando oportunidades para a revelação de novos valores. Todavia este projecto não chegou a realizar-se.

Pretendia, além disso, assumir um papel conciliador para obter a união dos colaboradores, indispensável à sobrevivência da revista, e manifestava o desejo de que ela se não afastasse da orientação que o núcleo inicial lhe dera e a que ele aderira com tanto entusiasmo.

Mas Abel Salazar, pela sua grande categoria intelectual, era não só o mentor do grupo do *Sol Nascente* mas também o seu mais operoso colaborador. Não há número da revista sem um artigo seu, versando os temas que lhe eram predilectos, além de um longo trabalho – «A Crise Europeia» – que se prolongou por muitos números e foi depois reunido em volume.

Abel Salazar redigia duas secções de grande interesse: «Revista das Ideias», que mere-

cia uma atenção especial da censura, denunciada por numerosos cortes, e «Movimentos Científicos».

J. Soares Lopes é, dos nomes já citados, o de mais larga e significativa colaboração.

Elementos do grupo redactorial encarregavam-se de uma secção de comentários variados, onde afloravam referências e acontecimentos. Há secções de crítica, música (Eurico Tomás de Lima), arte (João Alberto), cinema (Manuel de Azevedo e Alves Costa). Na capa de cada número havia a reprodução de uma obra de um artista plástico. Encarregava-se da selecção Dominguez Alvarez que, além de trabalhos seus, deu a conhecer obras de Augusto Tavares, Joaquim Lopes, Camarinha, Dordio Gomes, Magalhães Filho, Abel Salazar e muitos outros.

Foi no *Sol Nascente*, logo no primeiro número, que Abel Salazar publicou um artigo com alguns conceitos fundamentais e significativos do seu pensamento, «Confissão de Fé» que impressionou alguns jovens académicos e de que vale a pena recordar algumas passagens:

«A finalidade da vida não é outra senão o acto de viver: para o homem e para a humanidade. Por grande que seja o interesse do artista na sua obra já realizada, esse interesse nada é ante a intensidade polarizante do acto que a gerou. É isto que apaixona o artista, que o faz viver, sofrendo, exaltando, gerando a sua obra na volúpia da dor, na euforia ou no desespero. Gerada a obra, a obra está morta; perdeu o interesse virtual».

O que sucede com a obra de arte e com o artista sucede com a vida e com o homem, e com a história. Esta vida, pessoal ou colectiva, todo o viver histórico da humanidade, não tem outra razão de ser senão o próprio acto de viver, de gerar, de criar, de sofrer e de amar, criando, na caleidoscopia dos sentimentos profundos que acompanham o acto de viver. Literatura, arte, poesia, ciência, moral, religião; impérios, conquistas, aventuras, descobertas; todo o homem, toda a história, tem apenas como razão de ser o acto de viver.

As polémicas surgem no *Sol Nascente*, provando a originalidade dos artigos e despertando grande interesse pela publicação.

Abel Salazar, sempre a par das últimas conquistas da Ciência e da Filosofia, adoptava-as com excesso de entusiasmo e, ao divulgá-las, tendia para as considerar expressão definitiva e generalizada do saber e das normas do pensamento.

Aconteceu assim com a *Caracterologia* de Kretchmer. Facilmente aceitou que os autores e os artistas fossem classificados com rigor científico pelos seus biótipos, e as suas obras surgiriam imediatamente compreendidas e criticadas.

Como exemplo, o biólogo pretendeu traçar, na revista *Pensamento*, a que já nos referimos, os perfis caracterológicos de Teixeira de Pascoaes e de Leonardo Coimbra, que serviam a sua fobia da Metafísica.

Quando, no *Sol Nascente*, voltou a exaltar a *Caracterologia*, respondeu-lhe Adolfo Casais Monteiro a discordar da «espécie de panaceia universal» com que a teoria da Escola de Kretchmer era apresentada.

Abel Salazar confessou-se então vítima de campanhas caluniosas, somente por divulgar e aplicar os conhecimentos científicos actuais.

Casais Monteiro lembrou a injustiça das chocantes condenações de Pascoaes e de Leonardo, a que os exageros da aplicação da *Caracterologia* tinham conduzido.

Abel Salazar replicou, insistindo em demolir a figura de Leonardo Coimbra, e o desacordo de Casais Monteiro manteve uma polémica que ocupou alguns artigos da revista.

Teve, porém, um aspecto positivo.

Casais Monteiro, de um modo directo e frontal, critica o mentor desse largo sector juvenil, considerando que os ensaios de Abel Salazar «raramente são acessíveis a uma reduzidíssima minoria», não por dificuldade própria dos assuntos mas por «falta de método, redacção apressada, dispersão e falta de desenvolvimento das ideias expostas».

Abel Salazar, embora prezasse muito a sua missão divulgadora, reage como verdadeiro cientista a esta crítica, e escreve:

«É exacto, por exemplo, que alguns dos meus artigos não foram suficientemente revistos, que não têm uma unidade perfeita de desenvolvimento, que são, por vezes aqui e além excessivamente condensados, que o assunto me apaixonou e arrasta para fora do campo da divulgação, que alguns desses artigos flutuam indecisos entre a vulgarização e o trabalho original, que um certo nervosismo se reflecte neles».

No entanto, na polémica seguinte com António Sérgio, também a propósito dum excesso de entusiasmo por uma teoria – desta vez o Neopositivismo da Escola de Viena – e estando em causa o conceito de divulgação e a sua prática, Abel Salazar já não mantém a mesma isenção nem a autocrítica dignificante.

O interlocutor é, agora, muito diferente. Experimentado e duro polemista, é mentor não só de um sector juvenil mas de uma larga e importante camada de intelectuais.

A polémica representava divergentes orientações das duas personalidades em causa, com grande influência dos elementos que incitavam um e outro.

É um acontecimento importante e complexo que se alongou e alastrou para *O Diabo* e a *Seara Nova* e merece um cuidadoso estudo.

Ressalta, porém, no *Sol Nascente*, o lamentável antagonismo pessoal de que é suficiente exemplo de chocante exagero o título de um dos artigos de Abel Salazar – «O “Bluff”. António Sérgio».

O OCASO DO PRIMEIRO SOL

Abel Salazar, com um sentido prático pouco vulgar num sábio artista, recomendava ao seu amigo Soares Lopes a maior atenção para a administração da revista.

Revista de público jovem, de muitos estudantes com pouco dinheiro e em frequentes mudanças de residência, verificavam-se muitas faltas de pagamento de assinaturas. Daí o estado deficitário crónico em que a revista ia subsistindo.

O Primeiro de Janeiro anulou uma ou outra factura da tipografia, e os «rapazes» do *Sol Nascente*, o Rafael Silva e o Carlos Espain, que nos ajudaram nesta *História da Publicação*, lembram a solidariedade dos camaradas anarquistas traduzida em contribuições que nunca eram negadas – nomeadamente de Correia de Sousa e de um talhante da Foz, Manuel Pinheiro. E recordam o episódio pitoresco dos anéis do Dilermando Marinho, que foram parar ao «prego» para manter o *Sol Nascente*.

O ambiente de dificuldade económica era propício a uma mudança.

A proposta partiu de um grupo de Coimbra constituído por **Joaquim Namorado**¹¹⁶, Fernando Pinto Loureiro (que usava o pseudónimo de «Rodrigo Soares») e Jofre do Amaral Nogueira, este último, o emissário.

Além da oferta de uma situação de estabilidade económica, o grupo de Coimbra não escondia o projecto de dar uma nova orientação à revista, servindo de pretexto a falta de interesse na colaboração dos velhos republicanos históricos, como Jaime Cirne.

Contavam com a adesão de alguns colaboradores – **Afonso Ribeiro**¹¹⁷, Armando Martins, Mário Dionísio e até de elementos directivos – Manuel de Azevedo e Carlos Barroso.

Com a nova orientação, ficava comprometido o princípio básico da união das diversas correntes de opinião contra o regime, em acção de esclarecimento e divulgação cultural.

Daí, uma dissidência logo marcada pela saída do elemento directivo em que esse princípio de unidade existia em plena coerência com o ideal libertário – José Soares Lopes.

Sem mudança de numeração, com a mesma tipografia e ainda nominalmente com a mesma redacção, sai o n.º 27 do II Ano, com a data de 1 de Abril de 1938.

É, no entanto, um novo *Sol* que nasce em Coimbra.

SOL NASCENTE, REVISTA DO NEO-REALISMO

No seu livro *O Neo-Realismo Literário Português*, Alexandre Pinheiro Torres «repensa» (em 1936) o Neo-Realismo desta maneira:

«O Congresso do Partido Comunista, realizado em Moscovo em 1934, teve entre outras consequências no nosso meio, e ao nível da militância partidária, a polarização dos intelectuais marxistas portugueses em torno de algumas revistas que surgiram logo nesse ano e no seguinte. Entre elas, pela acção desenvolvida, é de salientar *Gleba* (Lisboa), *Ágora* (Coimbra), *Gládio* (Lisboa). *O Diabo* publica-se também na capital a partir de 1934, mas o *Sol Nascente* só três anos depois (1937) no Porto. Estas últimas foram as que estariam destinadas a perdurar, mas ambas deixaram de ser publicadas em 1940.»

No que respeita ao *Sol Nascente*, foi, numa primeira fase, a manifestação de um grupo político oposicionista unitário de acção cultural, orientado por Abel Salazar.

Só depois da tomada do *Sol Nascente* pelo grupo de Coimbra (Joaquim Namorado, Pinto Loureiro e **Jofre do Amaral Nogueira**¹¹⁸), se pode considerar a revista orientada exclusivamente por marxistas, no sentido do chamado «Novo Humanismo», nova expressão literária do Neo-Realismo.

Essa mudança, marcada pela saída de J. Soares Lopes (n.º 27 do Ano II, em 1 de Abril de 1938), está bem definida no editorial que assinala a entrada da publicação no terceiro ano, em 1 de Março de 1939. Apesar das irregularidades de publicação, fracasso duma das condições prometidas, nele se pode ler:

«*Sol Nascente* surgiu como um quinzenário cultural de orientação um pouco esfumada e imprecisa, limitando-se nos seus primeiros vinte números quase só à missão passiva de “arquivar”. Em dado momento, porém, começou a pronunciar-se dentro da revista uma certa linha de pensamento, um certo método. A partir de então, passou a ter o seu programa concreto e a sua posição intransigente sobre múltiplos problemas. Assim é que reage contra a metafísica e contra o psicologismo, apoiando-se na obra crítica do pensamento dialético; combate pelo Neo-Realismo como forma necessária da humanização da arte.»

A palavra «dialético» destinava-se a iludir a censura, significando «materialismo dialético». De resto, sucedia algo de semelhante com o «Neo-Realismo», que encobria a expressão mais exacta do «Realismo Socialista». A palavra *Neo-Realismo*, segundo Alexandre Pinheiro Torres, surge pela primeira vez no título de um artigo de Joaquim Namorado no jornal *O Diabo* (n.º 223 em 31/12/38), sobre o escritor brasileiro Armando Fontes.

O editorial que define a nova orientação do *Sol Nascente*, e em que a expressão «Neo-Realismo» é novamente usada, merece não só o aplauso do semanário *O Diabo*, então dirigido por Adolfo Barbosa, mas também a classificação de «Grandiosa tarefa», digna de despertar uma «consciência colectiva». É proposto que seja uma obra comum. Assim sucedeu, na verdade.

No entanto, o *Sol Nascente*, mesmo na sua primeira fase, insere colaboração de teóricos do «Novo Humanismo». Assim, logo no n.º 4, de 15 de Março de 1937, vem publicado um artigo de Mando Martins (pseudónimo de «Armando Martins») em que são enunciados alguns princípios do novo movimento, como as afirmações: «Toda a arte é uma deformação subjectiva da realidade. A literatura é um processo dessa deformação». E sobretudo «O escritor é um produtor de Beleza útil ao serviço da multidão».

Alguns poemas de Mário Dionísio, como «O Poema da Mulher Nova» (no n.º 13), são considerados como das primeiras manifestações do «Neo-Realismo».

Afonso Ribeiro publicou, na primeira fase do *Sol Nascente*, algumas novelas, mas não são mais do que tímidas tentativas da nova expressão literária. Mesmo do seu livro *Ilusão da Morte*, editado em 1938 pela própria revista (na segunda fase), Pinheiro Torres considerou que somente é possível classificar dois dos contos como neo-realistas.

Irene Lisboa¹¹⁹, sob o pseudónimo de «João Falco», enriqueceu a revista com uma vasta colaboração. A expressão literária dessa escritora, rica de conteúdo humano, tem sido considerada como tendo apenas algumas relações de parentesco com o Neo-Realismo.

O *Sol Nascente*, na sua segunda fase, como órgão do Novo Humanismo e do Neo-Realismo, deixa de ter a larga abertura inicial que levava à colaboração de José Régio, António Sérgio, Agostinho da Silva, Adolfo Casais Monteiro, Alberto de Serpa, Nuno Simões, etc. Também Abel Salazar perdeu toda a sua influência na revista. Em vez da Caracterologia e do Positivismo Lógico da Escola de Viena, principais temas da sua divulgação e dos seus ensaios, o *Sol Nascente* passou a publicar artigos de Lefèbvre sobre Dialéctica.

A colaboração de Abel Salazar ficou limitada, praticamente, à conclusão da sua obra «A Crise Europeia», que vinha a ser publicada desde o princípio da revista. Secções como «A Revista das Ideias» passaram a ter outros redactores e com a «resposta a um inquérito sobre o rumo da pintura moderna» termina a sua colaboração.

A preocupação doutrinária marxista superou as manifestações literárias, que se limitavam a algumas poesias de Fernando Namora, Ramos de Almeida, Joaquim Namorado, Manuel da Fonseca e pouco mais. Continuaram as tentativas de ficção neo-realista de Afonso Ribeiro e apenas teve certo desenvolvimento a crítica literária, incidindo sobre autores já marcadamente neo-realistas, como os brasileiros Jorge Amado, Lins de Rego, Armando Fontes, etc. Não admira, porque se atravessava ainda uma fase precursora, aberta a influências. A obra que marcou o princípio da ficção neo-realista foi o livro *Gaibéus*, publicado em 1940 por **Alves Redol**¹²⁰ (ano em que acaba o *Sol Nascente*).

O Neo-Realismo opunha-se, fundamentalmente, ao velho Realismo da Geração de 70. O Socialismo oitocentista, baseado em Proudhon, pequeno burguês e distante das massas operárias, foi o primeiro alvo dos ataques do Neo-Humanismo marxista. Sobre António Sérgio, representante do Socialismo utópico idealista, incidiu a maior agressividade, principalmente através de dois artigos de Jofre do Amaral Nogueira: «Carta ao Senhor António Sérgio» e «O papel duma nova geração».

Proseguiu, assim, a polémica de Abel Salazar com Sérgio, que já tinha sido estimulada por esse grupo, ao contrário dos amigos do Mestre, que pretenderam sustê-la.

No entanto, Jofre do Amaral Nogueira, na introdução ao livro *O Pensamento de Abel Salazar*, editado pela Inova em 1971, comentava a polémica deste modo: «No que respeita ao processo por que haveria de conseguir-se uma reforma da nossa mentalidade, Abel Salazar acabou por colocar-se numa posição semelhante à do seu opositor. Também ele concebeu uma forma dum modo idealista, supondo que ela poderia realizar-se apenas no âmbito da própria vida do espírito, sem acompanhar-se de profundas alterações económicas e sociais».

Os teóricos do Neo-Realismo não deram grande importância à influência do Primeiro Modernismo de 1915. Toda a animosidade se concentrou, porém, contra a *Presença*. O ataque começara já em 1936 com Alves Redol, quando opôs o conceito de «Arte Social» ao de «Arte pela Arte».

Abel Salazar considerava a questão levantada como «prazer da discussão pela discussão». No seu livro *O que é a Arte?*, definiu assim esse pseudoproblema:

«Toda a arte é humana, depende disso do sentido que se queira dar a tais frases, as quais por si nada significam. Se alguém diz que lhe não interessa a arte, quando ela não tem por

tema um caso social, esse alguém diz uma coisa sem sentido, que tem o legítimo direito de firmar, mas se esse alguém diz que toda a arte não pode ser senão social, ou humana, faz então uma afirmação puramente gratuita, vazia de sentido e absolutamente estéril».

Abel Salazar não entrava, portanto, no fundo da polémica *Presença* – Neo-Realismo.

Se ele tinha tido divergências com um presencista, Adolfo Casais Monteiro, o que estava em causa era o modo de divulgação da Caracterologia e o misticismo de Leonardo Coimbra e de Pascoaes. Só na medida do seu entusiasmo pela Caracterologia e nas suas reservas a Freud, Abel Salazar manifestava, de maneira indirecta, a sua oposição à *Presença*, dado que a Psicanálise estava na essência da revista.

Foi, porém, numa polémica com Sérgio que José Régio tomou uma posição da maior severidade no n.º 51 da *Presença*.

O Neo-Realismo mereceu um livro de Fernando Guimarães inteiramente dedicado à relação deste com a *Presença*⁽¹⁾. Já o jornalista Jaime Brasil publicara no Porto, em 1945, *Os Novos Escritores e o movimento chamado «Neo-Realismo»*.

O *Sol Nascente* tomou parte importante na polémica com artigos de Afonso Ribeiro e Armando Martins, bem como com a transcrição da *Seara Nova* de um artigo de **Álvaro Cunhal**¹²¹. A *Seara* foi também hostilizada não só visando-se António Sérgio mas também Raul Proença, pois não foi perdoado, ao grande panfletário, o seu ataque ao estalinismo.

A revista hostilizou ainda personalidades como Sílvio Lima, Cunha Leal, Vieira de Almeida e o General Norton de Matos. É curioso recordar que, alguns anos mais tarde, seria o Partido Comunista a apoiar com determinação a candidatura do grande estadista às Eleições Presidenciais de 1949.

A carga ideológica do Neo-Humanismo determinava um papel decididamente intervencionista. Nesses anos trágicos de 1939 e 40, abundavam as razões para os comentários sobre os acontecimentos que abalavam o mundo. Adivinha-se que o lápis azul da censura muito deverá ter riscado, mas também é motivo de reflexão não se encontrar uma só palavra de análise a um extraordinário acontecimento que perturbou essa geração: o Pacto Germano-Soviético.

Não podemos passar em branco a justificação de Pinto Loureiro da invasão da Finlândia pela Rússia. Mas o Mestre de Histologia já não era responsável por essa orientação.

As páginas de uma revista, por coincidência publicada em Coimbra – *Síntese* –, abrem-se para a sua colaboração; mas, dentro em pouco, aí o acusam, outra vez, de ser fanático da Escola de Viena. Abel Salazar, nessa revista, e ainda no *Diabo*, anuncia ao nosso público uma ciência que acabava de surgir: a Linguística. Em 1939, Abel Salazar divulgava e comentava Servien. Foi, porém, a sua última paixão cultural.

Abel Salazar voltou-se para a sua arte e regressou ao microscópio, num laboratório da Faculdade de Farmácia, que, então, lhe foi permitido utilizar.

Num estudo sobre o Neo-Realismo, publicado na revista *Vértice*, dirigida em Coimbra por Joaquim Namorado (outro dos intervenientes na mudança de orientação do *Sol Nascente*), António Pedro Pita refere-se a Abel Salazar como «um dos mestres que desencadeou o Neo-Realismo». Essa relação deve-se, segundo ele, mais à sua «qualidade de artista plástico e às posições cívicas que assumiu do que ao alinhamento numa posição marxista». O mesmo autor salientou também que «na renovação do pensamento que Abel Salazar pretendeu realizar, no horizonte das alternativas o Marxismo estava ausente». António Pedro Pita apenas é mais claro do que Jofre do Amaral Nogueira, porque escreveu já livre da censura, mas confirma a razão por que o Mestre foi abandonado. Abel Salazar ficou-se pela divulgação do Positivismo Lógico, não havendo, nos seus ensaios, a valorização do marxismo.

A revista *Sol Nascente* foi suspensa no n.º 45, publicado em 15 de Abril de 1940.

Outros colaboradores se destacaram: **Alfredo Pereira Gomes**¹²², **Álvaro Salema**¹²³ (a certa altura, dissidente), Antunes da Silva, Jaime Brasil, Mário Sacramento e Ruy Luís Gomes.

Além das polémicas citadas, há ainda a registar a de Amorim de Carvalho, sobre as con-



cepções poéticas de João Gaspar Simões, e a de Jofre do Amaral Nogueira, enfrentando António Sérgio a propósito da obra de Antero de Quental e resvalando para o âmbito de Filosofia. Já no fim da publicação, pode-se ler um ataque de Rodrigo Soares a Vieira de Almeida.

TENTATIVA DE SUPERAR A CRISE DA CULTURA PORTUENSE

Revista do Porto

«Publicação Quinzenal de Arte e Cultura». Porto, 1940.

Direcção e edição de Carlos Bastos.

Carlos Bastos, escritor, nascido em 1908 no Porto, onde faleceu em 1987. A sua vocação literária revelou-se no jornal académico *Gente Nova*, que apareceu em 1922; e afirmou-se, depois, em várias publicações periódicas. De 1927 a 1928, esteve no Rio de Janeiro, onde exerceu o jornalismo profissional nos diários *Correio da Manhã* e *Pátria*. De regresso ao Porto, foi director da *Renascença Portuguesa* e colaborou noutras revistas como *Claridade*, *A Águia*, *Pensamento* e *Lusíada*, dividindo-se a sua actividade de escritor entre a História, a Crítica de Arte e assuntos inerentes à Economia e à Técnica, com marcada preferência pelo estudo das artes decorativas. Em 1938, publicou o seu primeiro livro, intitulado *A Actividade Artística*, que constituiu valioso ensaio para um sistema de Filosofia da Arte Literária. (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*).

No *Editorial*, recorda-se uma larga participação do Porto «na actividade mental do País, ora criando movimentos de elevado significado ideológico, ora interessando-se por todas as manifestações de carácter cultural e artístico. Muitas iniciativas brilhantes aqui se realizaram e, literariamente, poderíamos citar algumas publicações de notável prestígio e influência na vida intelectual da Nação.

Carlos Basto, que pertencera a alguns periódicos literários dessa época brilhante, pretende lançar a *Revista do Porto* numa tentativa de superar a grande crise da cultura portuense, abrindo as suas páginas aos «problemas mais instantes e actuais e reunindo na lista dos seus colaboradores o escol da inteligência portuguesa: cientistas, críticos, historiadores e artistas de comprovado valor».

Publicaram-se, porém, somente quatro números, desde 30 de Outubro a 20 de Dezembro de 1940 (52+2 páginas).

Colaboradores (Arte e Cultura):

Poesia – Amélia Vilar, Fernando Augusto, A. Jacinto Júnior, Amorim de Carvalho.

Prosa – António Sérgio («Diálogo de Mortos»), Teixeira de Pascoas («Napoleão em Brienne»), Francisco Romero, Amorim de Carvalho, Castelo Branco Chaves, **Vitorino Magalhães Godinho**¹²⁴ («Os Descobrimientos e a Evolução da Economia»), **Joaquim de Freitas Gonçalves**¹²⁵, Severo Portela, Delfim Santos («A Nova Problemática Filosófica»), Aquilino Ribeiro («S. Bigorril»), **Fernando Lopes Graça**¹²⁶, Cruz Malpique e **Magalhães Vilhena**¹²⁷, Pedro Vitorino, Cláudio Basto, A. Magalhães Basto. Assuntos portuenses: Recensão crítica da obra de Abel Salazar *O que é a Arte?*.

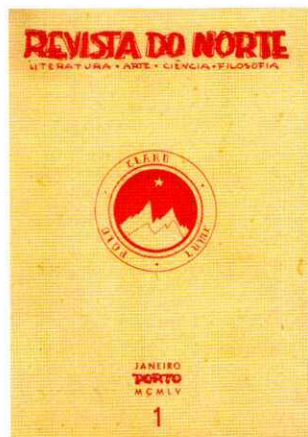
Propriedade da Empresa Revista do Porto.

Redacção e administração: Rua Formosa, 242 a 248. «Tipografia Empresa Guedes, 2.^a», Rua Formosa, 242 a 248, Porto.

Revista do Norte

Literatura-Arte-Ciência-Filosofia.

No seu programa, apresenta-se como publicação periódica mensal, literária, artística e científica sem posição política.



- ⁹⁹ **A. da Costa Ferreira**, actor, encenador e dramaturgo, nasceu em Elvas em 1918 e ignora-se quando e onde faleceu.
- ¹⁰⁰ **Arlindo** Gonçalves da Silva **Rocha**, que usou o nome artístico «Arlindo Rocha», nasceu no Porto em 1921 e faleceu em 1999. Expôs no grupo das Exposições Independentes do Porto. Escultor abstracto e, no entanto, autor da estátua de D. António Ferreira Gomes, junto à Torre dos Clérigos. Colaborou no diário *O Primeiro de Janeiro*.
- ¹⁰¹ **Cândido Guerreiro**, poeta algarvio, «sonetista por excelência», nasceu em Loulé em 1871 e faleceu em Lisboa em 1953.
- ¹⁰² **Alberto Xavier**, jornalista e ensaísta, nasceu em Nova Goa em 1881 e faleceu em Lisboa não se sabe em que data. Publicou *Camilo Romântico* em 1947.
- ¹⁰³ **Pedro Veiga**, advogado, escritor, polemista, político e editor, nasceu em Moimenta da Beira em 1910 e viveu a maior parte da sua vida no Porto, onde faleceu em 1987. Pertenceu ao grupo político «Renovação Democrática» e foi figura activa da Oposição. Usando o pseudónimo «Petrus», Pedro Veiga realizou uma vasta obra editorial em que, principalmente, foi divulgado o Modernismo. Muitos dos textos de Fernando Pessoa, principalmente em prosa, foram pela primeira vez publicados no Porto, nas suas edições. Caracteristicamente, estas espalhavam-se por várias colecções. Na colecção «Parnaso, Jardins de Poesia», Petrus revelou uma poetisa que teve acolhimento muito favorável. Escondida sob a aparência imediata de um pseudónimo – Sílvia Dora –, há indícios de que se trata de uma pessoa que ainda vive no Porto.
- ¹⁰⁴ **Manuel de Campos Pereira**, advogado e ficcionista, nasceu em 1905 em Lisboa, onde faleceu em 1981.
- ¹⁰⁵ Luís da **Câmara Reys**, crítico literário, jornalista, pedagogo e ficcionista, nasceu em Lisboa em 1885 e faleceu no Estoril em 1961.
- ¹⁰⁶ **Jorge** Gustavo de Castro Marques dos **Santos**, médico, nasceu em Macau em 1908; formou-se, viveu e morreu no Porto, não se sabe quando. Foi tisiologista e dedicou-se ao montanhismo. Publicou: *Dança Macabra*, *Poemas da Roda*, *Poema da Quarta Dimensão*, *Canções da Montanha*.
- ¹⁰⁷ **Armando Bacelar**, advogado e político, acérrimo defensor da Liberdade e da Democracia, nasceu em V. N. de Famalicão em 1919 e faleceu no Porto, onde viveu muito tempo, em 1998. Foi deputado do Partido Socialista, Secretário de Estado da Justiça e Ministro da Saúde. De tema literário, publicou, em Coimbra, *Os Poemas de Álvaro Feijó* (1941). Pai da autora de livros infantis e premiada ilustradora, Manuela Bacelar (Coimbra, 1945).
- ¹⁰⁸ **Camilo de Oliveira**, escritor, nasceu em Gondomar em 1874, onde faleceu em 1945. Foi professor do ensino técnico e funcionário da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Escreveu uma notável monografia de Gondomar.
- ¹⁰⁹ **Artur** Vieira de **Andrade**, arquitecto e político, nasceu no Porto em 1913. Entre outras obras, realizou o projecto para o Cinema Batalha no Porto. Foi secretário-geral da campanha eleitoral para a candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República.
- ¹¹⁰ **Carlos Espain** Neves, matemático, nasceu em 1913 no Porto, onde faleceu em 1986. Sendo-lhe impedido o acesso à Faculdade de Ciências pelas suas ideias políticas, tornou-se explicador, principalmente nos cafés, onde atraía numerosos alunos, como tábua de salvação para os exames. Tornou-se, assim, uma figura do Porto, despertando uma rara simpatia como famoso conversador, em que a inteligência se revelava ligada ao humor.
- ¹¹¹ **Abel Salazar** nasceu em Guimarães em 1889 e faleceu em Lisboa em 1946. Além de numeros trabalhos científicos e de conferências, publicou: *Uma Primavera em Itália* (1934); *Digressões em Portugal* (vol. I) (Porto, 1935); *Paris 1934* (edições em 1938 e 1943); *Recordações do Minho Arcaico* (Porto, 1939); *O que é a Arte?* (1940); *Crise da Europa* (1942); *Um Estio na Alemanha* (1944); *Henrique Pousão* (Porto, 1944). *Obras, Antologia* (Lello, Porto, 1990). Estão em publicação, no Porto, as *Obras Completas*.
- ¹¹² **Carlos Barroso**. Filho do professor do Liceu de Rodrigues de Freitas com o mesmo nome, formou-se em Medicina e fixou-se em Lisboa. Colabora com recensões literárias na 2.^a série da revista *Portucale* em 1946. Organizou a antologia *Meridianos de Arte e Literatura*, de que foi publicado um fascículo pela Sociedade Editora Norte em 1950 e publicou *Encontros – Antologia de Autores Modernos*, que organizou com Correia Alves e Júlio Gesta, com capa de Augusto Gomes, «Tipografia Leixões», Matosinhos, s/d. A obra foi apreendida pela polícia política na tipografia,

pelo que é muito rara. Contém inéditos com grande interesse: um conto de Miguel Torga («Maio Moço»), apresentado por Eugénio de Andrade; dois poemas de Eugénio de Andrade («Urgentemente» e «Mar, Mar e Mar», Foz do Douro, 1953), apresentados por José Fernandes Fafe; uma parábola de André Gide apresentada por António Pinheiro Guimarães; dois poemas de Pablo Neruda («Ode a Frederico Garcia Lorca» e «Hino e Regresso»), com apresentação de Carlos Barroso e tradução de Eugénio de Andrade; um ensaio de Henri Lefèvre, apresentado e traduzido por Carlos Barroso; um poema de José Fernandes Fafe («A Linha Nodal»), apresentado por Manuel Dias da Fonseca; um ensaio de René Leibowitz, apresentado e traduzido por Manuel Dias da Fonseca; três estrofes e um poema de Walt Whitman, apresentados e traduzidos por Alexandre Pinheiro Torres; uma peça de Luís Francisco Rebelo («O Dia Seguinte»), apresentada por Correia Alves; um poema inédito de Federico Garcia Lorca, apresentado por Eugénio de Andrade.

- ¹¹³ **Manuel de Azevedo**, jornalista nascido em Vila Real em 1916, faleceu em 1984 em Lisboa, onde se fixara e onde foi chefe da redacção do *Diário de Lisboa*. Escreveu vários trabalhos sobre cinema.
- ¹¹⁴ **Almerindo Lessa**, hematologista e antropólogo, nasceu no Porto em 1909 e faleceu em Lisboa em 1995. Formou-se no Porto e fez uma brilhante carreira profissional e universitária, no país e no estrangeiro.
Além dos trabalhos científicos, publicou *A Educação da Mulher* (1934); *Educação Sexual da Mocidade* (Porto, 1934); *Política Sexual* (Porto, 1941), etc.
- ¹¹⁵ «**Brás Burity**», pseudónimo de Joaquim Madureira, crítico iconoclasta, panfletário anarquizante, nasceu em 1874 em Lisboa, onde faleceu em 1958.
- ¹¹⁶ **Joaquim Namorado**, poeta e ensaísta, nasceu em Alter do Chão em 1914 e faleceu em Coimbra em 1986.
- ¹¹⁷ **Afonso Ribeiro**, ficcionista precursor do Neo-Realismo, nasceu em Moimenta da Beira em 1911 e faleceu em Cascais em 1993. O seu primeiro livro, *Ilusão na Morte*, foi editado no Porto pela revista *Sol Nascente* em 1938.
- ¹¹⁸ **Jofre do Amaral Nogueira**, ensaísta, nasceu em Trancoso em 1917 e faleceu em Lisboa em 1973.
- ¹¹⁹ **Irene Lisboa**, que usou o pseudónimo «João Falco», nasceu em Arruda dos Vinhos em 1892 e faleceu em Lisboa em 1958. Autora duma notável obra poética e de ficção, expressando, de modo particular, um sentimento de solidariedade social.
- ¹²⁰ **Alves Redol**, romancista e dramaturgo, a figura mais representativa do Neo-Realismo, nasceu em Vila Franca de Xira em 1911 e faleceu em Lisboa em 1962.
- ¹²¹ **Álvaro Cunhal**, nascido em Coimbra em 1913, morreu em Lisboa em 2005. Colaborou no *Sol Nascente* com um artigo, tendo por título «E serão os Dois uma Só Carne», de exaltação da sexualidade, como expressão da natureza humana.
A revista transcreveu da *Seara Nova* um artigo do político. Intitulava-se «Numa Encruzilhada dos Homens» e correspondia a uma resposta às «Cartas Intemporais», assinadas por José Régio nos números 608 e 609 daquela publicação periódica editada em Lisboa, numa polémica a que o poeta replicou, depois, na *Presença*.
Bibliografia: *Nova Renascença* – Número especial sobre «O Trágico Comunista» (n.º 45/47 – 1992).
- ¹²² **Alfredo Pereira Gomes**, aluno brilhante do Liceu do Rodrigues de Freitas nos últimos anos em que Leonardo Coimbra foi professor de Filosofia, nasceu no Porto em 1919. Irmão do romancista Soeiro Pereira Gomes e da professora, educadora e escritora Alice Pereira Gomes.
Pertenceu à geração do grupo da revista *Sol Nascente* e de jovens estudantes do Liceu Rodrigues de Freitas, que se revelariam notáveis, como Armando de Castro, Manuel Lopes Pereira, Amílcar Marques e outros já citados.
Doutorou-se em Matemática na Universidade do Porto, mas, tal como outros, foi afastado da Faculdade de Ciências, onde o Prof. Ruy Luís Gomes fazia escola. Exilou-se voluntariamente em França e no Brasil, países onde foi professor catedrático. Regressou a Portugal em 1971, ingressando na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Após a jubilação, em 1989, dirigiu, ainda, o Departamento de Matemática da Universidade Lusíada (artigo de Alice Rios no *Jornal de Notícias*, de 29-8-1999).
- ¹²³ **Álvaro Salema**, ensaísta, nasceu em Viana do Castelo em 1914 e faleceu em Lisboa em 1991.